

---

## **A PROPÓSITO DA QUESTÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA**

Rosângela Doin de Almeida\*

Sem querer definir metas absolutas ou caminhos predeterminados, pretendemos neste trabalho considerar alguns (suportes teóricos que nos parecem necessários e essenciais para o ensino" de geografia. E, em seguida, apresentaremos exemplos de soluções práticas de como ensinar geografia.

Nossa preocupação básica é levar aos professores uma contribuição não somente útil, mas elucidativa de como se pode ensinar geografia na escola sem adotar os meios tradicionais. Porém, buscando novas práticas que permitam evidenciar o que é mais peculiar à geografia: a interpretação crítica da organização do espaço.

Segundo nos parece, os eixos que devem nortear a prática do ensino referem-se a duas questões básicas: o que ensinar em geografia? E como ensinar geografia?

---

\*Professora do Departamento de Educação - UNESP - Rio Claro.

A resposta parece óbvia: em geografia deve-se ensinar geografia! Mas não é tão óbvia quando não está claro que geografia ensinar. A falta de clareza quanto a esta questão deve-se ao fato de que nas últimas décadas a ciência geográfica evoluiu muito no que se refere à abordagem teórico-metodológica de seu objeto de estudo. E os professores atuantes nas redes de ensino não acompanharam essa evolução, permanecendo presos aos conteúdos dos antigos planos e aos livros didáticos. No entanto, as publicações dos últimos anos sobre o assunto têm confrontado esses conteúdos.

De outro lado, a discussão sobre conteúdo e método de ensino não pode dissociar-se da reflexão mais profunda sobre teoria e prática; "o conteúdo a ser abordado não se desvincula do método, que lhe dá sustentação" (1), portanto, quando se questiona *O que ensinar em geografia* questiona-se também *como ensinar geografia*. Por isso passaremos a considerar essas questões conjuntamente.

Sem pretender levantar discussões teóricas muito profundas, vamos fazer uma rápida análise sobre essas questões e suas implicações para o ensino de geografia.

A geografia encontrada na maioria dos livros didáticos e que é ensinada, geralmente, nas escolas apresenta uma análise descritiva - ou apenas uma descrição - do que se vê hoje no mundo. Essa geografia escolar consiste, portanto, em uma "visão de mundo": inicia-se pela descrição e explicação do espaço próximo, "vivido", passando, depois, para o estudo de espaços mais distantes.

Nessa abordagem os fenômenos aparecem como ocorrências parceladas, desvinculadas do todo, sem conexão com o processo social no qual estão inseridos. Tanto a natureza quanto a sociedade são vistas como ocupantes de um espaço herdado cuja organização foi predeterminada por forças externas e alheias a sua dinâmica atual.

Dessa forma, apresentando uma abordagem estática e a-histórica do processo de ocupação das áreas e da apropriação dos recursos naturais, a geografia pouco valor terá na formação das novas gerações. Ao contrário, ela levará a sérias deformações quanto a sua visão de homem e de mundo.

No ensino de geografia no 1º grau encontramos uma tendência mais moderna, porém não tão conscientizadora, que consiste no estudo da geografia ao nível da realidade objetiva - daquilo que é observado e vivido - o qual prende-se à aparência do observável, a qual é constatada através da percepção. No entanto, deve-se ter presente que a percepção não nos coloca em contato com a realidade, mas com o que ela aparenta. Por exemplo, a percepção do espaço através da temperatura, umidade, elementos visuais como as cores, as formas, a distribuição e posição dos elementos, etc.

podem ser úteis apenas para a identificação de uma área como rural ou urbana. Isso quando o ensino se destina a crianças das séries iniciais do 1º grau. Porém, mesmo nessas séries é desejável que o ensino não permaneça no nível da mera constatação daquilo que a criança pode perceber por si mesma.

Outra tendência que encontramos no ensino atual refere-se à exploração da vivência do aluno, a qual está eivada de aspectos geográficos. Coloca-se que o saber do aluno deve ser o ponto central do programa de estudos em lugar de um saber "científico", porém alheio à cultura das classes sociais de origem dos alunos. Como exemplo dessa proposta podemos citar a experiência de Resende (2).

Advertimos, no entanto, que o saber do aluno, apesar de concreto, pode ser o ponto de partida do estudo geográfico. Mas de nenhuma maneira deverá permanecer como ponto de chegada, sob pena de se continuar reproduzindo na escola as diferenças entre as classes sociais quanto ao domínio do conhecimento institucionalizado. Parece-nos que a escola deve ser um elemento de democratização desse conhecimento.

O ponto em que queremos chegar na relação entre método e conteúdo refere-se ao fato de que a geografia ensinada pode apresentar estudos sobre a relação homem-meio, ou estudos da organização do espaço pelo homem, omitindo, no entanto, que a relação homem-meio ocorre em uma determinada forma de organização espacial porque essa relação é uma relação de trabalho. Explicando melhor, a sociedade produz uma forma de organização que é observável no espaço; assim, há uma forma concreta e visível da sociedade no espaço: essa é a organização espacial que a geografia deve analisar.

Trata-se do estudo de uma sociedade de classes cuja aparência - organização espacial - depende da forma como o trabalho, durante um processo histórico, a organizou. Nas palavras de Ruy Moreira:

"O processo do trabalho tem a sua materialidade em formas que ao mesmo tempo que dele derivam a ele reverterem, e são geradas com esse fim. Em se tratando da geografia, esta materialidade dialeticamente articulada ao processo do trabalho é o espaço geográfico. Espaço e trabalho estão numa relação de aparência e essência: o espaço geográfico é a aparência de que o processo historicamente concreto do trabalho (a relação homem-meio concreta) é a essência."(3)

Ensinar geografia implica desenvolver o mesmo método que ela usa na construção do *conhecimento geográfico* que está em contínua transformação. Ensinar geografia significa dar conta do processo que

levou à atual organização do espaço, e este é adequado à realização do trabalho, sendo modificado com a finalidade de atender essa exigência. Portanto, o ensino não pode ocorrer através da transmissão de conteúdos programados e subdivididos por séries.

### Mas Afinal, Como Ensinar Geografia?

Partindo do conhecimento adquirido através da observação do meio circundante, conhecimento esse ainda não sistematizado, o aluno deve ter oportunidade de contribuir para a elaboração de um arcabouço formado por idéias, conceitos e categorias que lhe permitam interpretar, de forma cada vez mais profunda, a realidade que o cerca.

Nesse esforço, professor e alunos devem trabalhar juntos, sempre em cooperação. O professor, ao invés de expor o conteúdo ou de apresentar uma planilha pronta com as etapas da "pesquisa" que espera que os alunos cumpram, deverá ser o coordenador das atividades a serem realizadas por eles. Nessa função o professor organiza o trabalho, orienta a sua seqüência, fornece informações, demonstra técnicas, prove recursos, discute idéias, levanta dúvidas, avalia resultados. Enfim, envia todos os esforços para que os alunos atinjam os objetivos de seu trabalho. (4)

No desenvolvimento do trabalho, o aluno precisa aprender a observar, a coligir dados, a compará-los e classificá-los, a estabelecer generalizações e inferir explicações. Todas essas operações fazem parte do pensamento científico, e precisam ser desenvolvidas na escola. Através da busca e manipulação de informações e dados o aluno começa a apropriar-se das formas de produção do conhecimento científico. No que se refere ao conhecimento geográfico é necessário que o aluno aprenda também a mapear. Apenas copiar ou colorir mapas não consiste uma tarefa adequada para levar o aluno a pensar e tomar decisões. Mapear significa dar ao aluno oportunidade para definir critérios para representar classificações e correlações de forma gráfica nos mapas.

A aquisição desses conhecimentos e habilidades por parte do aluno dependerá de fatores como seu nível de desenvolvimento cognitivo, seu meio sócio-cultural e seu nível de segurança afetiva. A reação do aluno nas relações que se estabelecem na sala de aula depende desses fatores e de sua interação com o grupo e com o professor. Este seria o momento em que o professor deveria recorrer aos seus conhecimentos de psicologia para poder lidar melhor com seus alunos, fazendo-o com habilidade e sensibilidade. Não é fácil lidar com adolescentes!

Apesar de não acreditarmos em receitas pedagógicas para o ensino, salientaremos a seguir alguns pontos que nos parecem relevantes para a organização do trabalho do professor:

- partir da reflexão sobre os alunos: quem são, onde moram, como é sua vida escolar, quais são seus anseios e dificuldades, como é sua vida familiar, qual sua condição social;
- procurar saber que conhecimentos específicos de geografia os alunos possuem;
- propor metas claras quanto ao ensino de geografia a serem atingidas durante o período letivo - bimestral, semestral ou anual;
- elaborar um plano de trabalho juntamente com os alunos, tendo em vista as metas propostas;
- avaliar os alunos quanto ao seu desempenho e em função do processo desenvolvido. Quando se deseja desenvolver atitudes a mera verificação da assimilação de conteúdos é insuficiente e inadequada.

Através de sua própria prática, cada professor deverá buscar os caminhos que atendam às peculiaridades de sua realidade escolar, procurando soluções mais eficazes para lidar com os problemas próprios da situação, tomando-se um verdadeiro profissional na arte de educar.

Neste ponto ressaltaremos alguns procedimentos que nos parecem fundamentais para o ensino crítico e científico.

Inicialmente, é necessário que o aluno aprenda a *observar*. A observação pode iniciar-se na escola e em seus arredores. Pode ser orientada pelo professor, que dá indicações a esse respeito. Como, por exemplo, o professor pode solicitar aos alunos que observem a variação de tonalidades em um perfil de solo. Nesse caso, trata-se da observação de aspectos da realidade *in loco*. Contudo, não se deve esquecer que os alunos também podem observar aspectos apresentados em fotos ou gravuras, em croquis ou em mapas.

Na observação é importante o aluno notar itens de caracterização de determinados fenômenos, como, por exemplo, ao observarem a foto de uma localidade urbana, podem identificar a distribuição do casario, as vias de circulação, as áreas comerciais, etc. Para chegar a conhecimentos geográficos pela observação, o aluno deve partir da identificação dos elementos observados (no exemplo acima: residência, ruas, avenidas, lojas, etc); assim poderá, depois, questionar a ocorrência desses elementos e a sua localização na cidade.

A partir da observação o aluno deve ser levado a estabelecer comparações, relacionando elementos de diversas ordens. Neste momento, ele deverá ser levado a definir critérios de classificação: aproximando ou

agrupando fatores que influem sobre os fenômenos e processos em estudo.

Em uma etapa mais avançada o aluno deve fazer uma análise dos fatos e fenômenos. Nesse ponto será necessário que ele tome conhecimento de modelos teóricos de interpretação para que possa ter elementos para analisar de forma fundamentada e crítica a realidade em estudo. Como última etapa, o aluno deve chegar a uma síntese, prevendo implicações ou conseqüências dos processos que influem nos fenômenos estudados.

O desenvolvimento desse trabalho, do ponto de vista didático, pode-se dar através de procedimentos como projetos, estudo do meio, reportagens e entrevistas, estudo bibliográfico, excursões e outros. Sugerimos a leitura do livro de Nidelcoff (5) pois apresenta e discute detalhes sobre a prática desses procedimentos.

O trabalho pedagógico que estamos propondo baseia-se no aprofundamento de noções e conceitos e não na seriação de aspectos a serem estudados. A direção a ser seguida é de integração dos assuntos entre si e com outras áreas e disciplinas (ciências, história, língua portuguesa, etc).

No entanto, recomendamos que seja observada uma gradação nos procedimentos, atendendo as dificuldades que forem sendo vencidas pelos alunos no processo de desenvolvimento:

- partir da percepção da realidade através da observação, relatos de vivências, etc;
- expressar esse conteúdo através de depoimentos orais ou escritos; pode-se também usar a encenação, expressão corporal, musical ou poética;
- representar graficamente o conteúdo através de desenhos, plantas, roteiro esquemático, maquete, mapa e gráfico;
- aprofundar os conceitos em estudo através de leituras, pesquisas, debates, etc, para que o aluno passe a conhecê-los e usá-los de forma crítica, com interpretação pessoal, porém fundamentada.

### **Para Que Ensinar Geografia?**

As respostas às duas questões colocadas no início deste trabalho - o que ensinar e como ensinar geografia? - foram dadas em função de uma questão mais abrangente: para que ensinar geografia?

Neste momento os professores deveriam parar para refletir como têm respondido a esta questão em suas aulas. Pois o que ensinamos e como o fazemos reflete os objetivos que colocamos para nossa *práxis*.

Para que serve o ensino de geografia em uma sociedade na qual a informação sobre as diferentes partes do mundo é apresentada em detalhes através de sofisticados meios de comunicação?

E para que serve esse ensino se poucos cidadãos dessa sociedade podem usá-la para seu bem-estar?

Yves Lacoste afirma que "a geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra" (6), isto é, o conhecimento que se desenvolve relativo ao espaço é um "saber estratégico, um poder". Além disso, atualmente o conhecimento geográfico tem funções ideológicas e políticas, pois as grandes potências desenvolvem sua influência através de argumentos de tipo geográfico como relações de "centro" e "periferia", do "ocidente" e do "oriente". Acrescentamos ainda que em nosso país a análise geográfica serviu de base para planos de desenvolvimento econômico após 1964.

Ignorar o caráter ideológico e político do conhecimento, seja em que área for, parece-nos não só uma atitude ingênua, mas comprometida com a alienação social. Os professores precisam perceber que seu papel no processo de democratização de nossa sociedade consiste em, principalmente, desenvolver uma prática pedagógica não alienante, mas conscientizadora. E o ensino da geografia serve para isso.

Antes de concluirmos este texto gostaríamos de transcrever para reflexão dos leitores o seguinte comentário de Milton Santos:

"A educação tem como objeto real armar o cidadão para uma guerra, a da competição com os demais. Sua finalidade, cada vez menos buscada e menos atingida, é a de formar gente capaz de se situar corretamente no mundo e de influir para que se aperfeiçoe a sociedade humana como um todo. A educação feita mercadoria reproduz e amplia as desigualdades, sem extirpar as **mazelas** da ignorância. Educação apenas para a produção setorial, educação apenas profissional, educação apenas consumista, cria, afinal, gente deseducada para a vida." (7)

Sem pretendermos esgotar as questões colocadas, levantamos algumas pistas sobre o que ensinar e como ensinar geografia.

Pretendemos que as orientações e sugestões apresentadas neste artigo sejam úteis aos professores que desejam ensinar geografia para que seus alunos caracterizem melhor a realidade e, portanto, se tornem mais conscientes do espaço em que vivem.

## Bibliografia

- (1) VLACH, V. R. F. "Fragmentos para uma Discussão: Método e Conteúdo no Ensino da Geografia de 1º e 2º Graus". In TERRA LIVRE Nº 2, *O Ensino da Geografia em Questão*. São Paulo, AGB — Marco Zero, 1987, p. 53.
- (2) RESENDE, M. S. *A Geografia do Aluno Trabalhador*. São Paulo, Loyola, 1986.
- (3) MOREIRA, Ruy. *O que é Geografia?*, São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 85.
- (4) Sobre isto ver MIZUKAMI, M. G. N., *Ensino: As Abordagens do Processo*. São Paulo, EPU, 1986, pp. 85 a 103.
- (5) NIDELCOFF, M. T. *A Escola e a Compreensão da Realidade*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- (6) LACOSTE, Y. *A Geografia Serve Antes de Mais Nada Para Fazer a Guerra*. Tradução. AGB, s. d.
- (7) SANTOS, M. *O Espaço do Cidadão*, São Paulo, Nobel, 1987, p. 126.